

POESIA



AMIZADE ROSACRUCIANA



ESTUDOS SOBRE ENSINAMENTOS DA SABEDORIA OCIDENTAL

EDITORIAL

Editorial – O Espírito Rácico



Serviços Devocionais

MEDITAÇÃO

Rer para Meditar – O Ideal do Serviço

FILOSOFIA

Filosofia – O Grilhão da dor

ASTROLOGIA

Astrologia – A Travessia – A Prova de Leão

Maio -
Junho
2026

N.º 105

Centro Rosacruz Max Heindel

Reconhecido por The RosicrucianFellowship desde 1984

- E-mail: crmheindel@sapo.pt

O Espírito Rácico

Hitler inspirou-se na Blavatsky e não conseguiu ver as raças sob o ponto de vista espiritual, e deu no que deu, ou seja, viu as coisas pelo olho físico em vez do olho moral.

Ao invés, Heindel, viu as coisas sob o ponto de vista etérico e descreveu o que viu, disse a verdade, que custa a muito boa gente, nomeadamente aos judeus. Os judeus são uma raça cristalizada, ainda vivem no antigo testamento sob a sigla do “olho por olho, dente por dente”, e nós podemos ver isso se analisarmos os filmes holiodescos, em que no fim há sempre a vingança, nunca o perdão. O que alimenta o espírito judaico, não é o filme em si, mas sim o orgasmo intelectual que acontece no fim, quando a vingança já está terminada e que se repercute nas camadas etéricas, com um total e enorme climax de atrevimento, que satisfaz os judeus e lhes alimenta o ego.

Os judeus querem que o Antigo Testamento vença o Novo, mas a raça vindoura será mais forte e mais miscigenada. No entanto, eles são incapazes de dar o primeiro passo e tomar a iniciativa para a paz mundial. Basta ver o que está a acontecer no Líbano e anteriormente em Gaza, em que dia sim e dia talvez, continua a ser bombardeado pelos Judeus, sem apelo nem agravo. Assim é, e assim permanecerá durante mais tempo, e se já fizeram isso contra os palestinos, fá-lo-ão certamente contra os libaneses.

A melhor maneira de aprendermos é a servir, em toda a parte, independentemente da cor do nosso próximo e da sua posição social. Diz-se que os que serviam estavam colocados mais alto no Templo, e Cristo disse: “*Aquele que quiser o ser o maior entre vós seja o servo de todos*”. Esforcemo-nos por prestar este serviço. É fácil cumpri-lo se quisermos. Então algum dia, num futuro não muito distante, ouviremos aquela voz gentil, a voz do Mestre, que chega a todos os que servem e ouvem a voz de Deus.

António Ferreira



Nota: Os artigos publicados são da inteira responsabilidade dos seus autores. As opiniões neles emitidas embora de cariz Rosacruziano, não exprimem, necessariamente, o ponto de vista do Centro Rosacruz Max Heindel

O IDEAL DO SERVIÇO

C. A. P.

Um dos grandes ideais ensinados e exemplificados por Cristo na Sua vida quotidiana foi o do serviço altruísta à humanidade e cabe-nos a nós, que somos Seus seguidores, consagrar as nossas vidas a este grande ideal e esforçar-nos com todas as nossas forças por estar à altura da definição da grandeza que Ele deu, a saber: «Aquele que quiser ser o maior entre vós, seja o servo de todos.»

É através do serviço amoroso e abnegado aos outros que fazemos o maior progresso e alcançamos o maior crescimento espiritual. Para obter resultados, não devemos prestar serviço com relutância ou como um dever, mas sim, considerá-lo um grande privilégio que nos é conferido, por meio do qual podemos, se assim o quisermos, acelerar o dia da emancipação do espírito de Cristo, agora aprisionado na nossa Terra. Também não devemos sentir-nos desanimados perante uma aparente falta de oportunidades para ajudar. Por mais humilde que seja o nosso destino, por mais limitadas que sejam as nossas capacidades e influência, continuamos a fazer parte do reino e temos o nosso lugar e o nosso trabalho, e devemos esforçar-nos ao máximo para fazer aquilo que está mais ao nosso alcance. Uma palavra amável, um sorriso de encorajamento, alguns momentos por dia dedicados a enviar pensamentos de amor e solidariedade à Sede — estas são coisas simples, mas constituem um grande poder para o bem. E depois o serviço de cura: também aí existe uma grande oportunidade à qual todos podemos aderir e, através do nosso amor e cooperação solidária, transformá-la numa força viva para o alívio do sofrimento.

Mais uma vez, tal como sugerido por R. F. numa carta recente, temos a oportunidade de partilhar as nossas pérolas de conhecimento com os outros através de contribuições para os Ecos. Certamente alguns de nós têm sugestões a fazer ou algum conhecimento a partilhar, e não devemos hesitar quanto a isso, nem deixar que um sentimento de modéstia nos dissuada, mas tenhamos a certeza de que todo o esforço, por mais humilde que seja, será apreciado. Amigos, não nos contentemos apenas em desfrutar do fruto do trabalho dos colaboradores da Sede, mas procuremos participar ativamente neste trabalho. Percebamos que cada um de nós é uma unidade na Fraternidade, e que, à medida que as unidades crescem e se tornam mais fortes, o mesmo acontece com a Fraternidade.

Então, que cada um de nós se proponha firmemente a viver de acordo com este ideal de serviço e a tornar-se mais ativo no trabalho, mesmo que isso implique algum sacrifício das nossas atividades de lazer e alegrias, a fim de ganhar tempo para a sua realização. Façamos deste ideal o grande objetivo das nossas vidas.

Então saborearemos a alegria do trabalhador; então experimentaremos um crescimento da alma até agora insondável; então a Fraternidade crescerá e tornar-se-á uma torre de força e bênção; então faremos dos nossos ideais um fator vivo nesta terra; e então apressaremos o dia da libertação de Cristo, que deve ser o objetivo dos nossos esforços.

Que isto encontre eco nos nossos corações!

Traduzido da Revista *Rays from the Rose Cross* (09/1914)



SERVIÇOS DEVOCIONAIS

2026

Serviço de Lua		
(para Probacionistas)		
	Lua Nova	Lua Cheia
JANEIRO	17	2, 31
FEVEREIRO	16	-
MARÇO	17	2, 31
ABRIL	16	30
MAIO	15	29
JUNHO	13	28
JULHO	13	28
AGOSTO	11	26
SETEMBRO	9	25
OUTUBRO	9	24
NOVEMBRO	7	23
DEZEMBRO	7	22

SERVIÇO DE CURA/ MEDITAÇÃO PARA A PAZ MUNDIAL

Serviço de Cura						Meditação para a Paz Mundial					
JANEIRO	3	9	17	24	30		3	12	22	30	
FEVEREIRO	6	13	20	26	-		8	18	27	-	
MARÇO	5	12	19	26	--		8	17	26	-	
ABRIL	1	9	16	22	29		4	14	22	-	
MAIO	6	13	19	26	-		1	11	19	28	
JUNHO	2	10	16	22	30		7	16	25	-	
JULHO	7	13	19	27	-		5	13	22	-	
AGOSTO	3	10	16	23	30		1	10	18	28	
SETEMBRO	6	12	19	27	-		6	15	24	-	
OUTUBRO	3	10	17	24	30		3	12	22	30	
NOVEMBRO	6	13	20	27	-		8	18	27	-	
DEZEMBRO	3	10	18	24	30		6	16	24	-	

Equinócio da Primavera - 19 Março Solstício de Verão - 19 Junho

Equinócio de Outono - 21 Setembro

Solstício de Inverno - 20 Dezembro

O GRILHÃO DA DOR

“Vita”

CRISTO disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, e sabemos que estas palavras têm um significado muito profundo e significativo. Cristo, o grande Espírito Solar, é, como sabemos, um Raio do Cristo Cósmico — ou o aspecto da sabedoria do Deus Trino em manifestação. Por isso, num sentido muito enfático e místico, Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Só caminhando na Sua luz, no Seu Espírito, é que podemos alcançar a meta.

Há muito, muito tempo, num passado distante — um passado medido em eras e milénios —, a nossa humanidade actual iniciou a sua longa peregrinação através da matéria. Os espíritos diferenciados, cada um envolto no seu invólucro de substância atenuada, rodopiaram por vastos ciclos — parando em cada plano para reunir em torno de si, outro véu dos materiais que compõem esse plano. Por fim, após períodos incontáveis, esses espíritos encontraram-se no nadir da materialidade, possuidores de todos os seus veículos num estado subdesenvolvido. Respondemos assim, a inúmeros impactos destinados a despertar as nossas potencialidades latentes. Fomos auxiliados pelas Hierarquias que procuravam transmitir-nos algo de que carecíamos e que, através das suas experiências numa evolução anterior, podiam conceder-nos: os Senhores da Chama, os Senhores da Sabedoria, os Senhores da Individualidade, os Senhores da Forma, os Senhores da Mente e outros, todos eles, por sua vez, nos ajudaram a construir os nossos veículos e a desenvolver a vida, expressando-a através dessas formas.

Depois de estabelecida a ligação da mente, iniciámos a nossa longa ascensão — de regresso ao Pai. Começámos a desenvolver-nos em caminhos separados, a ganhar experiência, a *cultivar uma alma* que mais tarde serviria de veículo para o espírito plenamente desperto. Então vieram os dias da Atlântida, a entrada dos Espíritos de Lúcifer no cérebro, o egoísmo intenso e a gratificação dos sentidos, a separação e os interesses materiais. Depois, o Tabernáculo no Deserto foi erguido e o caminho foi traçado para que pudéssemos percorrer a nossa viagem de regresso a Deus.

Por meio de sinais e símbolos, foi-nos mostrado o Caminho. A vinda de Cristo, o grande Espírito do Sol, foi anunciada por cerimónias e rituais. Ele foi predito por profecias e revelado por sinais e presságios. Os anjos proclamaram o Seu nascimento e os videntes leram a mensagem nas estrelas. Todas as eras aguardavam ansiosamente o Seu advento e uma onda de expectativa agitou os éteres, pois Ele era Aquele que se comprometera a realizar uma obra única e maravilhosa para o nosso planeta Terra e a sua humanidade triste e confusa. Tal como quando as estrelas da manhã cantaram juntas no alvorecer da criação — as primeiras matinas de um cosmos jubilante —, assim o glorioso hino foi ecoado por coros de anjos quando a Estrela de Belém apareceu.

Foi um acontecimento grandioso, maravilhoso e poderoso quando o grande Espírito Solar, Cristo, desceu para redimir o nosso planeta Terra e infundir nele a Sua vida radiante. Não nos é possível, no nosso estágio actual, avaliar a importância e o alcance da Sua obra para nós, mas sabemos que Ele Se proclamou o «Caminho, a Verdade e a Vida». Tomemos a primeira metáfora e consideremos algumas das suas etapas e o seu impacto prático nas nossas vidas. O Caminho de volta ao Pai. Falamos dele como a Vereda e nós, na escola esotérica, estamos bastante familiarizados com a ideia. Alguns de nós caminhámos com os pés a sangrar pelo primeiro trecho pedregoso do caminho ilimitado. É possível que a primeira experiência tenha sido um vazio entorpecente no coração, uma solidão assustadora, um silêncio tão imóvel e terrível quanto uma noite ártica. Deixar para trás o velho eu com o qual estivemos associados por tantos anos é uma provação terrível. É especialmente assim se a alma estiver completamente enredada na sua vida sensorial e persistir em agarrar-se às suas ilusões.

Lutar sozinho contra o terror que a rodeia quando inicia a sua busca superior é, de facto, uma tarefa que exige o máximo heroísmo. O Caminho serpenteia por precipícios rochosos, através de desertos solitários e tempestades terríveis — mas deve ser seguido sem vacilar.

O Caminho é o mesmo para todos, mas não é o mesmo: um paradoxo que só o Místico pode compreender.

Cristo é o Caminho, mas o processo através do qual alcançamos esse Caminho e as experiências específicas ao longo do percurso, diferem de acordo com o tipo e o temperamento, bem como com as respostas dadas à vida que nos anima. Para alguns, é necessário estar acorrentado ao *tribulum* — ser torturado durante todo o caminho, se o ego resiste a morrer ou se há um trabalho especial a ser feito.

Outros podem caminhar sob o sol de um grande amor e luz e não conhecer nenhum desejo pessoal egoísta na alegria e na glória. São os desejos do ego que matam a alma ou a mutilam, de modo que ela se torna um objeto hediondo, em vez de algo belo. Entre o ponto de partida e a gloriosa consumação, há muitas etapas, mas cada passo deve ser dado sobre o ego renunciado e as suas emoções clamorosas.

Na evolução da alma, a intrepidez, a coragem e a ousadia de carácter nobre devem desenvolver-se e atingir a sua plena realização. Não há lugar no Caminho para um cobarde ou um fraco. A alma deve desenvolver um sentido de valores claro, refinado e discriminatório, e ser capaz de enfrentar todo o mal malévolo que desafia o seu progresso. O aspirante deve ser capaz de caminhar sem vacilar para o próprio reino de *Apollyon* e ousar tudo, quando o bem e a justiça forem ameaçados.

Nunca conhecer o medo ou a cobardia — mas nunca usar esse poder para si mesmo. Aqui está a linha de demarcação — a marca de distinção. *O cobarde luta por si mesmo*. Ele é implacável nos seus ataques contra qualquer força que se oponha ao seu eu pessoal, com os seus interesses e sentimentos mesquinhos. A sua luta é a antítese repugnante daquela coragem nobre que está disposta a sofrer para que outros possam escapar — a coragem que conhece o seu poder, mas que nunca o usaria em sua própria defesa.

O aspirante deve adquirir o domínio, a força, a vontade dominante, a visão ampla que percebe todo o alcance e significado das suas experiências e das dos outros; no entanto, tudo isso deve estar submetido ao espírito que quer apenas com e para o Cristo.

Este é o verdadeiro poder. Adquiri-lo é o objetivo das experiências ao longo do Caminho... pois, enquanto estes poderes se desenvolvem, a alma atravessa águas amargas. Através da própria profundidade da dor, através da negação e do sofrimento, deve tornar-se forte.

Através das profundezas da agonizante experiência humana, deve desenvolver poder e domínio. O cobarde que luta por si mesmo, e assim finge coragem, nunca a adquire. Só a conquistam aqueles que renunciam e sofrem em silêncio por fins elevados. Estes — os verdadeiros heróis e conquistadores — avançam através da noite de experiências amargas, de perdas cruéis, de sonhos desfeitos, até que chegue a hora da sua libertação, da vitória final. Pode ser numa prova crucial, quando o inimigo maligno parece triunfar por completo, que a lição do *tribulum* seja plenamente aprendida. Então, quando sente e conhece todo o seu poder, volta-se para o Cristo e renuncia.

Ele deposita os seus poderes no altar — troféus conquistados, mas que *nunca serão usados em seu próprio benefício*. Renuncia até ao direito de se defender — e torna-se assim como uma criança pequena. Muitos marcos devem ter sido ultrapassados antes de se atingir esta elevada altitude, e o Cristo deve ter-se tornado mais do que um mero nome na vida.

Os primórdios, no entanto, situam-se no vale da humilhação, quando as primeiras injustiças cruéis são deixadas sem reparação em prol dos outros, ou por um princípio superior. Cada vitória sobre o eu pessoal e as suas pretensões deixa a alma mais forte. Ao renunciar ao direito à autodefesa, torna-se um acto de sacrifício e, assim, contribui para a obra da evolução.

Depois de atravessadas muitas etapas, chega um momento em que se instala um silêncio repentino — um silêncio não de paz, mas de dor. A alma pergunta à Voz interior: «Porquê esta forma de sofrimento? Não renunciei — não venci o antigo eu, a vontade pessoal que o orgulho dominava? Não abandonei tudo aquilo a que o coração se apegava? Não vi um sonho brilhante após outro dissolver-se no ar?

Não estou eu inteiramente, profundamente sozinho? Por que razão, então, devo sofrer mais?» E a Voz responde: «É verdade, tu abandonaste todos os desejos do eu; renunciaste a todas as formas de interesse próprio e estás quase como uma alma liberta em pureza e poder.

Ainda estás acorrentado — não pelo prazer, mas pela dor. As antigas misérias ainda se agarram à memória. As antigas injustiças surgem como fantasmas nos momentos mais sagrados e clamam por reparação. A antiga dor — o chicote de Saturno — ainda magoa o coração. Renunciaste ao direito à autodefesa, ao privilégio da retaliação, mas não renunciaste ao direito de sentir e sofrer. As cicatrizes da batalha ainda atestam as feridas. A sua sensibilidade não está totalmente destruída.»

«Mas, Mestre, como é que alguém pode deixar de recordar — deixar de sofrer com a memória?» «Filho, a tua pergunta já foi respondida — precisas dessa dor. Ainda és apenas uma alma infantil e ainda não alcançaste força nem domínio. Cortaste as flores do prazer terreno, mas não tens coragem para arrancar o espinho da memória amarga. Ainda te apegas — não à alegria humana, mas à miséria humana — a miséria do teu eu renunciado. A sombra dela ainda agora se espalha pelo teu caminho. Não consegues esquecer. Ainda és fraco.»

Na quietude do crepúsculo, a voz falou e calou-se. A penumbra que se seguiu era profunda e, na escuridão envolvente, a alma cansada olhou para trás, ao longo do seu caminho árido e exaustivo. Então, um raio de luz repentino, proveniente do Rosto de Cristo, brilhou através de uma fenda nas nuvens — e ela viu e compreendeu. Viu que as suas antigas tristezas não passavam de fantasmas — criações da sua própria imaginação, ilusões de formas-pensamento, tal como as suas alegrias. Tudo pertencia ao antigo plano sensorial onde tinha vivido e se tinha movido, onde os seus interesses estavam centrados. Acima desse plano não havia alegrias nem tristezas como tais — mas tudo era uma vida rica, plena e resplandecente.

No plano da discórdia e do conflito cresceram os espinhos da vida, e a alma, tolamente, permitiu que permanecessem dentro dela para a picar a cada passo. Tinha deixado esse plano sensorial muito para trás, a vida abrira-se em panoramas nobres, verdades profundas revelavam-se à inteligência a despertar, a luz tornava-se cada vez mais clara, novos poderes desdobravam-se, mas ainda assim, carregava cegamente os espinhos na sua consciência trémula.

Então, uma das últimas lições foi aprendida através de um lampejo momentâneo. Tal como o seu Mestre divino, a alma deve sofrer apenas pelos outros — nunca por si mesma. Assim, o Caminho serpenteia e, por fim, vemos com a Luz que nunca existiu no mar ou na terra — o Cristo como o Caminho, e a nossa jornada pelo Caminho como uma expansão cada vez maior da consciência, até que a glória plena irrompe sobre a alma libertada e todas as limitações se desvanecem. A Meta é alcançada e vemo-Lo — o Cristo dos séculos — a nós próprios Nele — e reconhecemo-Lo como o Caminho, a Verdade e a Vida.

Então, já não é um caminho, mas um mar *de luz e felicidade sem limites* no seio do Pai.

COMPÊNDIO DE ASTROLOGIA

A TRAVESSIA

LEÃO

A PROVA DA PUREZA

O homem precisa agir: viver é agir. Todas as ações implicam um movimento a partir de uma base relativamente estável ou de um estado de equilíbrio, de um centro. O movimento requer emprego de energia – o Poder é libertado; o poder que vem a dar em estrela, semente ou alma. A natureza do poder, o ritmo e a qualidade da libertação, a sua motivação e o seu alvo, tudo isso determina o caráter da ação.

Para libertar poder é preciso haver algo através do qual possa ocorrer essa libertação - um sistema ou mecanismo de libertação - um agente um motor. Onde ocorre a libertação de poder na natureza, falamos de "agente". Consideramos como sendo uma entidade o instrumento dessa libertação, talvez até um organismo. O agente, na esfera humana, aparece com o caráter de identidade individual; ele torna-se um agente responsável, um agente livre. Quando se dá a libertação de poder através de um instrumento feito pela mão do homem, falamos de "motor" ou "máquina". Todo o objecto feito pelo homem, através do qual se liberta energia numa ação ou num movimento, constitui uma máquina; – e também uma sinfonia, uma peça teatral, uma cerimónia religiosa, uma partida de futebol; e até os negócios de uma nação, correlacionando fábricas, equipamentos, funcionários segundo uma ordem complexa de atividade incessante – ou o trágico ritual da guerra, no seu uso destrutivo.

O Sol é um agente natural por cujo intermédio é libertado poder. Também o é a célula, a semente, a planta, o pássaro, no nível desse tipo de libertação a que chamamos "vida". Quando o homem pensa e projeta os seus pensamentos, liberta poder no nível da personalidade e da sociedade humana; logo, dois níveis de libertação, duas castas de atividade.

No Sol e na semente a libertação parece-nos compulsiva, automática, controlada por leis cósmicas inexoráveis ou por impulsos Instintivos baseados na bioquímica. Dizemos não haver consciência no agente. No homem testemunhamos o aparecimento não só de percepção consciente, como também de clara motivação, intencionalidade e o emprego das suas energias por meio da inibição e da libertação do poder da vontade, serva do seu ego consciente individualizado. Ele usa essas energias como bem lhe apraz. A sua consciência dirige a libertação do poder - de alguns aspectos do poder, de que o homem é agente libertador.

Consciência - Poder: o grande, o trágico dualismo humano. Em todos os domínios da natureza, algum tipo de percepção ou de consciência instintiva resulta da libertação de poder, como uma ressonância, como um produto secundário. Mas o homem, quando chega a ser verdadeiramente homem, não identificado com a natureza — o homem como um "eu", como uma centelha do divino — não só é uma consciência reativa, que se lembra, mas é uma consciência que prediz — um Vidente, um Engenheiro, que vê adiante e usa futuras libertações de poder sob controlo e de acordo com um plano.

Ser engenheiro é o grande e trágico encargo do homem. Constitui uma grandeza, porque o torna participante dos processos criativos do universo. Constitui uma tragédia em potencial porque, sendo capaz de controlar energia e os "gestos" da energia transfeita em ato, o homem, o engenheiro, pode também alterar o ritmo de todas as libertações de poder. Pode usá-las para uma ativação que viole o caráter natural desse mesmo poder. Pode fazê-lo porque é um eu - uma unidade de consciência criativa — tanto quanto um agente através do qual os poderes do universo podem ser libertados.

Como indivíduo, pode aumentar, ou diminuir, a eficácia do seu corpo e da sua psique. Pode estender-lhes a capacidade de libertação de poder por meio de máquinas, ou atrair sobre eles enfermidade e deterioração. Pode ter pensamentos individuais, transformar a natureza por meio deles, ou entortar Ideias universais, parir monstros mentais para canalizar o dinamismo perverso do seu ego rebelde ou malsão. Pode um ser Filho de Deus, Deus- em ato: ou pode opor-se à Divina Harmonia criadora erguendo o seu arbítrio contra a vasta corrente da evolução, contra o Plano Universal do Grande Arquiteto do Universo.

Compete-lhe escolher, na medida em que é um ser consciente. Como um ser ele estampa a libertação das suas energias com o seu próprio e inerente caráter e qualidade de ser. Ele representa aquilo que ele é. Ele age com "pureza"— ou em "pecado ".

Ser puro é ser um agente por meio do qual o poder é libertado em resposta à necessidade humana que reclamou essa libertação de poder e para nenhum outro fim e de nenhum outro modo. É usar os instrumentos naturais para a libertação de poder, de acordo com a natureza intrínseca desses instrumentos e da sua adequação dentro da ordem do universal da evolução. É agir em termos de necessidade inerente.

A pureza na ação é a adequação ao caráter do poder libertado. Pode haver pureza em atos destrutivos como em atos construtivos. Os agentes catabólicos podem ser tão puros como os anabólicos.

Um indivíduo é puro se liberta sua parte de poder latente na humanidade como um todo sem desperdício emocional de energia ou confusão mental. Esse homem é o que intrinsecamente ele é, e portanto, um claro agente de libertação do poder humano.

Todavia, a pureza numa pessoa individual implica mais que a adequação à função e a perfeita harmonia com o ritmo do poder empregado. Do homem espera-se que assuma o seu lugar consciente e significativamente dentro da grande representação da evolução universal. Ele deve não só tanger com perfeição o seu próprio instrumento, e libertar belos e vibrantes tons que animem; ele precisa também representar o seu papel na orquestra da humanidade — o seu papel tal qual existe na partitura universal. A pureza quanto ao homem implica, pois, a correta interpretação da sua linha melódica, o seu ritmo ou o seu acorde, característicos na vasta sinfonia que é o "Homem" — o cumprimento da sua função, o seu destino e a sua "verdade".

A verdade de um indivíduo consiste em todas as atividades necessárias ao completo e correto desempenho da sua finalidade vital como um eu encarnado. Na pureza e na verdade, a liberdade e a necessidade tornam-se idênticas.

O indivíduo é espiritualmente livre quando cumpre a sua finalidade essencial, e de nenhum outro modo. Ele é concretamente livre quando a sociedade lhe permite, e sua própria vontade lhe determina, realizar os atos que são inerentes ao caráter e ao ritmo do poder para cuja libertação ele foi criado e constituído agente. Um indivíduo ser livre para fazer tudo quanto queira ou conceba não tem sentido em si mesmo. A única liberdade é a de desempenhar todos os atos necessários ao nosso propósito espiritual intrínseco.

Esse propósito está latente no próprio caráter dos poderes que pressionam por expressão dentro da própria natureza do indivíduo. Quando ele entende com verdade, o caráter dos seus poderes, compreende, ao mesmo tempo, também a natureza do propósito essencial da sua vida — a razão para a qual deve ser livre — a não ser que na excitação concomitante ao uso dos poderes (e esta é a grande prova!) o indivíduo se identifique com o fascínio variável, primeiro deste poder, depois de outro; tornando-se assim, uma triste caixa de ressonância para os confusos fluxos e refluxos de toda e qualquer energia que as circunstâncias lhe despertem no corpo e na psique.

O homem pode estender os seus desejos na direção solar para Deus e cravá-los em profundas estacas nas quais sonde o significado e a realidade do poder como poder; pode difundir a sua experiência sobre uma ampla superfície e orientar-se no mundo de "mapas" em termos de emoções relativas a extensão e superfícies, em termos de sensações e de conceitos. Mas o homem é mais que isso. Ele é potencialmente um planeta, estabelecido no centro, seguro na sua identidade cósmica — um planeta afinado com outros planetas numa "série harmônica" de libertações de poder, cujo "tom fundamental" é o Sol. Cada planeta é um agente para a libertação de um gênero de poder. Como globo sólido, o planeta é "agente"; porém é mais que isso; o planeta real é o espaço traçado pela sua órbita.

Essa órbita, sendo elíptica, tem dois focos. Um, comum a todos os planetas (o Sol), é a fonte de um poder universal; o outro, que difere segundo cada órbita planetária, é a fonte de identidade e consciência individuais. Enquanto o globo sólido do planeta descreve os seus circuitos periódicos em redor desses dois focos, ele canaliza e exprime as suas forças combinadas. Quando uma cresce, a outra diminui; isto por turnos e eternamente.

Ser puro é ser um agente do poder solar. Ser verdadeiro é ser um agente da energia diferenciadora do eu. A pureza correlaciona-se com o poder; a verdade, com a consciência do eu.

Na harmonia ciclicamente alterada de poder e identidade consciente, o homem, cuja vida é uma constante representação dramática do seu destino intrínseco, movimenta-se como um planeta. Em essência, na sua total existência quadridimensional, ele é o espaço orbital do seu destino. Em ato, ele é o globo ciclicamente girante que focaliza essa realidade existencial em expressão criativa através de uma incessante libertação de poder.

A consciência resulta da ação, segue-se à ação; e a consciência é afetada pelos fluxos e refluxos do poder, pela inclinação variável dos raios do Sol nas várias épocas do ano, pelo ritmo lunar das substâncias líquidas (mar, seiva, sangue), pela magia dos desejos instáveis pulsam ao sabor das estações. A sua vida pode ser pura se exprimir a natureza do poder e os poderes da natureza. Mas a pureza é de pouco proveito para o homem que procure ser verdadeiramente homem, salvo se estiver unida à verdade. E só se conhece a verdade no centro; nossa própria verdade, o nosso próprio ser.

Tudo quanto rasteja, desabrocha ou canta à superfície do nosso globo só conhece a premência do poder; e as suas vidas são moldadas pelo poder, escondidas pelo ritmo do poder, escravizadas pela fatalidade do poder. Para quem o centro é um tabernáculo eterno, para quem a terra sólida se tomou transparente ao espaço orbital — para esses, não pode haver sedução no poder, nenhum fascínio na luz solar, nenhum desejo e nenhuma dor nos fluxos e refluxos dos impulsos vitais. Neles, o poder e a consciência estão harmonizados. Se o poder se esvai, eles conhecem no seu íntimo o fluxo de identidade mais intensa. Os seus atos são realizados em nome de ambos. O amor funde-se com a inteligência; a pureza, com a verdade. O filho deles? A divindade-em-ato. Deus é espaço, focalizado e definido por globos perpetuamente moventes. O homem é globo: Deus- em- ato. Esta é a sua verdade.

Não há prova de pureza para uma árvore, um pássaro ou um tigre. Eles são compelidos a ser puros; eles são agentes inconscientes. Eles crescem, eles cantam, eles matam — segundo lhes cabe fazer. O poder, um ditador, compele; aciona as suas glândulas e músculos; mede-lhes o pulsar do coração. Deles é o domínio da vida — e a vida é a superfície da divindade; o calor, o encanto, os desejos, o medo, a atração, a paixão, o horror de tudo quanto nasce e tem de morrer sem dar por isso.

O homem que o é em verdade, porque está estabelecido no centro do conúbio entre poder e identidade e na liberdade da gravitação terrestre, é impelido por uma necessidade inerente a ser conscientemente o que ele é, a ir avante, para sempre, como definidor de espaço, como quem descreve uma órbita, como filho do poder e da consciência, do amor e da inteligência.

Ele representa a sua fase de divindade como um planeta representa o seu papel na cósmica polifonia do sistema solar.

A prova da pureza, para esse homem, deve ser não só pura, mas verdadeira; não só libertar poder, mas representar sentido; não só efetuar as operações superficiais da vida — o nascimento de novos organismos, novas formas culturais, novos hinos e novos impulsos inebriados de encantamento em direção do céu — mas representar as alquimias do centro, a redução dos desejos a necessidades, ou das emoções a significados.

É uma prova complexa; uma tragédia em vários atos. A princípio, a alma do homem — sentindo-se una com toda a natureza — clama no seu anelo por luz, entoa de glória ao Sol fazendo coro com as árvores e os animais. Então, o homem experimenta-se separado; ele perde contacto com a natureza. Precisa depender de si mesmo. O palpitar dos seus desejos enlouquece-o. Ele precisa alargar o seu campo, o seu reino, o seu mundo. O poder obceca-o, escarnece-o; ele tem de rastreá-lo até à sua origem, rasgar as carnes, desentranhar a terra. O poder não terá abrigo? Não terão as raízes maior profundidade onde ir, do que a ditada pelos instintos?

O homem perde a sua pureza. Engalfinha-se com o poder; amarrota-o com a sua paixão; ilumina as próprias profundezas a fogo elétrico; racha o núcleo dos átomos na sua busca de poder; precipita-se, talvez, em abismos conjurados pelo seu próprio ego; explode com as coisas que "fissiona e com os amores que esmaga. Ou atinge o centro — e a paz. Nessa paz ele conhece a verdade, a sua verdade. Para, conscientemente, conhecer essa verdade ele teve de perder a pureza e readquiri-la no contexto cósmico do espaço orbital, na união entre poder e eu, onde Deus a Si Mesmo representa através do homem, que é livre, no homem, que é verdade.



Bibliografia

“Tríptico Astrológico”, Dane Rudhyard

PUBLICAÇÕES

- <i>Conceito Rosacruz do Cosmos</i> , de Max Heindel	18 €
- <i>Cartas aos Estudantes</i> , de Max Heindel	13 €
- <i>Ensinos de um Iniciado</i> , de Max Heindel	12 €
- <i>Princípios Ocultos de Saúde e Cura</i> , Max Heindel	14€
- <i>Os Mistérios Rosacruzes</i> , Max Heindel	11€
- <i>Astrologia Científica Simplificada</i> , Max Heindel	13€
- <i>Os Mistérios das Grandes Óperas</i> , Max Heindel	11€
- <i>Colectâneas de um Místico</i> , Max Heindel	11€
- <i>Corpo de Desejos</i> , Max Heindel	12,5€
- <i>O Neoprofetismo e a Nova Gnose</i> , de António de Macedo-	16 € (E)
- <i>Instruções Iniciáticas</i> , de António de Macedo	18 €
- <i>Laboratório Mágico</i> , de António de Macedo	18€
- <i>Esoterismo da Bíblia</i> , António de Macedo	15€ (E)
- <i>Textos Neognósticos</i> , António de Macedo	14€ (E)
- <i>Ensaio sobre os Ensinos Rosacruzes</i> , António Monteiro	13 €
- <i>As Aparições da Cova da Iria</i> , António Monteiro	7€
- <i>A Era Aquariana</i> , Elsa Glover	8€
- <i>A Mensagem das Estrelas</i> , Max Heindel e Augusta F. Heindel	14€
- <i>Astrodiagnose – Um guia de Saúde</i> , M. Heindel e Augusta F. Heindel	11€
- <i>A Gnose Rosacruz e a Iniciação Feminina</i> – António de Macedo	9€ (NOVO)

Nota: A estes valores acrescem os portes de correio no valor de 3,5€. E - Esgotado

REUNIÕES DE ESTUDOS E DEVOCIONAIS

Informam-se todos os Probacionistas, Estudantes e Amigos que as reuniões deste Centro se realizam no primeiro domingo de cada mês pelas 11 horas, em Minde.

Estudos de Astrologia – Curso Preliminar - durante a Reunião do Centro Rosacruz Max Heindel.

Quem não souber o local é favor contactar telefonicamente para o seguinte número: 91 861 3905

— e-mail: crmheindel@sapo.pt

O QUE É A FRATERNIDADE ROSACRUZ?

A FRATERNIDADE ROSACRUZ não é uma organização religiosa, mas sim, uma grande Escola de Pensamento. O seu fim é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida, nesta época, por intermédio de Max Heindel, escolhido para esse efeito pelos Irmãos Maiores da Ordem.

Os seus ensinamentos projectam luz sobre o lado científico e o aspecto espiritual dos problemas a respeito da origem e evolução do Homem e do Universo. Fazem igualmente sobressair que não reside aí todo o seu fim. O conhecimento há-de tornarnos verdadeiramente religiosos, na acepção legítima de religar-nos (religare) à essência espiritual latente em nós. O conhecimento desenvolverá assim, o sentimento de altruísmo e do dever, para estabelecimento da Fraternidade Ideal.

A divisa da Fraternidade Rosacruz é:

UMA MENTE PURA, UM CORAÇÃO TERNOE UM CORPO SÃO.

A sua tónica é: SERVIÇO.

O CAMINHO DA INICIAÇÃO ROSACRUZ

Este caminho consta de sete passos:

CURSO PRELIMINAR DE FILOSOFIA ROSACRUZ — Consta de doze lições que se ministram por correspondência. Serve de livro de texto o “CONCEITO ROSACRUZ DO COSMOS”, o livro básico de Filosofia Rosacruz, escrito por Max Heindel, o fiel mensageiro da Ordem Rosacruz.

ESTUDANTE REGULAR — Durante este período, cuja duração é pelo menos de dois anos, o estudante recebe bimestralmente uma carta e uma lição.

PROBACIONISTA — Os Probacionistas recebem instruções especiais mediante cartas e lições bimestrais, e durante o sono também. Este estágio dura pelo menos cinco anos. Essas cartas e lições contêm um definido e científico ensinamento com respeito ao modo de prevenir e evitar perigos de ilusão e decepção do Mundo de Desejos (um dos mundos suprafísicos). O Irmão Maior efectua uma prova efectiva do probacionista antes de o admitir ao Discipulado.

DISCÍPULO — Os Discípulos são preparados sistemática e regularmente para a INICIAÇÃO sob a direcção dos Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz, que lhes dão instruções individuais definidas e que, portanto, são absolutamente secretas.

IRMÃO LEIGO — Os Irmãos Leigos vivem em diferentes partes do mundo ocidental, recebem uma ou mais Iniciações das Escolas de Mistérios Menores. São capazes de abandonar o seu corpo físico conscientemente, assistir aos Serviços e participar nos trabalhos espirituais no Templo dos Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz.

ADEPTO — Os Adeptos são graduados de uma das Escolas de Mistérios Menores, e também já passaram pela primeira das quatro grandes Iniciações. Um Adepto pode construir um novo corpo físico para si, sem ter necessidade de nascer como uma criança.

1. IRMÃO MAIOR — Os Irmãos Maiores são graduados das Escolas de Mistérios Menores e também das Escolas de Mistérios Maiores.